

# A nudez autoexposta na rede: deslocamentos da obscenidade e da beleza?\*

Paula Sibilía\*\*

## **Resumo**

Este artigo focaliza algumas imagens de corpos femininos nus que circulam atualmente pelo universo midiático, sobretudo a internet, com especial atenção para aquelas divulgadas pelas próprias mulheres como auto-retratos. A partir de um olhar genealógico, examina-se a *politização* colocada em jogo nesse novo conjunto de práticas, que são bastante diversas, mas todas muito recentes, particularmente no que se refere às redefinições dos padrões de beleza e dos critérios de obscenidade em vigência.

**Palavras-chave:** Corpo, Subjetividade, Nudez, Obscenidade, Internet.

---

\* Recebido para publicação em 31 de janeiro de 2015, aceito em 24 de março de 2015.

\*\* Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) e do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da UFF, Niterói-RJ, Brasil. [sibilía@ig.com.br](mailto:sibilía@ig.com.br).

Nas últimas décadas, têm se ampliado enormemente os limites do que se considera válido mostrar no espaço público, particularmente no que se refere à sexualidade e, em especial, à nudez dos corpos femininos (Sibilia, 2008). Cada vez mais distantes dos pudores típicos dos séculos XIX e XX, em campos que vão da publicidade e dos videoclipes até as artes visuais, performáticas e cênicas, passando pelos autorretratos que se multiplicam nas redes sociais da internet, parece que se mostrar sem roupas está na moda. Inclusive, aderindo a certo ativismo de nova geração, mulheres de toda classe exibem-se nuas em nome de uma multiplicidade de causas consideradas “nobres”, tais como a ecologia, o direito à contracepção, a liberdade de expressão ou o respeito às diferenças culturais. Nesse universo figuram atrizes e modelos famosas, mas também todo tipo de “anônimas” que publicam seus *selfies* na internet, chegando até aos coletivos organizados como *Femen*, *Marcha das Vadias*, *Free the Nipple* ou *Pedalada Pelada* entre muitos outros.

Desde o início do século XXI, tanto a quantidade como a variedade dessa nova leva de ativistas da nudez não cessam de crescer. O grupo *Baring Witness*, por exemplo, com origem na Califórnia, promove suas ações pelo mundo há pouco mais de uma década. Sua proposta consiste em fotografar mensagens pacifistas “escritas” com vários corpos nus deitados no chão, desenhando frases para serem lidas do alto. “Não é casual que *Baring Witness* tenha começado com mulheres”, afirma sua fundadora, Donna Sheehan. Além do fato de elas terem em comum a preocupação com a violência, “também não é por acaso que as mulheres tenham escolhido se despir em nome da paz e da justiça”, destaca ainda o texto disponível no site do grupo. Do que se trataria, pois, é de colocar em jogo “a maior arma que as mulheres têm, o poder do feminino, a potência de nossa beleza e nudez para acordar nossos líderes masculinos e detê-los em suas corridas”.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> *Baring Witness*, <http://www.baringwitness.org>.

Esse vínculo entre o novo tipo de protestos e a feminilidade também é sublinhado por Philip Carr-Gomm (2010:89). “Enquanto a história da nudez na religião é dominada pelos homens”, constata esse autor, “a situação oposta se aplica no campo da ação política, onde a nudez tem sido usada com mais frequência pelas mulheres”. Um caso exemplar que ele relata para apoiar esse argumento é o das quarenta indianas que, em 2004, marcharam nuas pelas ruas de uma cidade daquele país asiático em protesto por um caso de estupro e assassinato cometido por soldados. Embora tenham conseguido chamar a atenção da mídia, poucos jornais publicaram fotos da manifestação, talvez porque “não podiam digerir a ideia de mostrar mulheres indianas de classe média (leia-se ‘mães’) nuas”. O historiador cita uma fonte local que esclarece, ainda, o seguinte: “isso num país onde virtualmente todo jornal estampa uma mulher escassamente vestida num canto da primeira página, perturbadoramente perto da manchete principal” (Carr-Gomm, 2010:97).

Essa atitude parece insinuar que existem diversos tipos de nudez; ou, pelo menos, que não há apenas um. Cabe então perguntar se essa distinção é uma novidade ou não: trata-se de uma invenção contemporânea ou a herdamos de tradições mais antigas? Essa questão parece central para o que se deseja examinar neste artigo, que aposta nas potencialidades de uma visão genealógica para estudar algo extremamente atual. Esse olhar leva a constatar que a figura humana talvez tenha sido “desde sempre, o objeto de arte por excelência”, conforme sugere Henry-Pierre Jeudy (2002:13). Para além dessa continuidade, porém, vale atentar também para as significativas transformações dessas *representações* que atravessam a história das manifestações artísticas ocidentais, cujo emblema seria a idealização do nu plasmado em infinidade de telas e esculturas. Isso ocorria, inclusive, em tempos em que rígidos preceitos morais condenariam severamente a exibição de corpos humanos de carne e osso nesses mesmos espaços públicos. Tais corpos, por sua vez, admiravam com reverência – e convenientemente vestidos – essas obras expostas de modo monumental.

Contudo, essa aparente incongruência pode ser explicada; ou pelo menos, tem se tentado fazê-lo com variados argumentos. De acordo com a célebre teorização de Kenneth Clark, por exemplo, tal nudez clássica era *nude* e não *naked*, uma sutil embora importantíssima diferença que a língua inglesa permite nomear. Haveria então, já na arte canônica ocidental, uma distinção bastante clara entre dois tipos de nudez. A artística (*nude*), tradicionalmente associada à beleza – como um casto véu estético capaz de recobrir qualquer infâmia –, estaria isenta daquele incômodo emanado pela mais crua e simples nudez corporal (*naked*), decorrente do ato de escancarar um corpo vergonhosamente “desvestido” (Clark, 1987:17).

Numa direção semelhante, embora partindo de pressupostos diferentes e com outros interesses na mira, encaminha-se a interpretação de Giorgio Agamben em seu esclarecedor ensaio “*Desnudez*”. Quando Adão e Eva cometeram o pecado original, “as partes do corpo que podiam ser expostas com liberdade na glória (*glorianda*) se convertem em algo que devia ser oculto (*pudenda*)” (Agamben, 2011:100). Nossa persistente tradição cristã, portanto, frisa a enorme diferença entre alguém que está *nu* – comparável àquela inocência prévia à queda do Paraíso, ou então à graça da nudez infantil em sua feliz ignorância de si – e alguém que está *desnudado* porque foi despido de suas vestes e é plenamente consciente dessa falta, tanto em sentido literal como metafórico. Parece possível associar a primeira categoria ao recém-mencionado *nude* de Clark, e a segunda ao seu *naked*.

### **Desnudando o nu em público**

Dicotomias como as que opõem *nude* e *naked* alicerçam o significado da nudez – e, portanto, da revelação corporal – em nossa cultura, ao mesmo tempo impregnando as artes e delas emanando até bem avançada a secularização do mundo. Por isso, podem ser de grande valia ao tentar compreender as transformações que movimentam esse campo na atualidade,

sobretudo após o surgimento de um conjunto de iniciativas que parecem lutar contra essas insistentes polaridades, inaugurando a “*politização da nudez*” aqui examinada. Nesses episódios, que vêm se multiplicando na última década e alguns de cujos exemplos já foram mencionados, a exposição pública da nudez – particularmente feminina – parece se constituir como uma tática midiática a serviço de fins variados, embora todos irmanados por alguma tentativa de politizar um problema. O que mais surpreende nas diversas manifestações dessa novidade é que as crenças e valorações mais tradicionais acerca das visões de corpos nus são exploradas e, inclusive, aproveitadas para atingir as metas almejadas; mas, ao mesmo tempo, acabam sendo colocadas em xeque de modos inéditos.

Como opera, então, e em que consiste exatamente essa *politização da nudez*? Ao se exporem fora dos limites da esfera privada, seja no espaço público das ruas ou nas vitrines midiáticas, esses corpos nus acabam causando certa comoção e atraindo os olhares de muitos desconhecidos, conquistando a tão buscada visibilidade para as diversas causas defendidas. Mas isso só é possível porque nesses atos se juntam duas tendências aparentemente contraditórias. Por um lado, o fato de que a nudez já não é o que costumava ser ampliou enormemente os limites do que é válido mostrar e tolerável observar; portanto, não são poucas as mulheres que hoje ousam se despir em público sem que isso implique para elas consequências negativas de grande envergadura, contrariamente ao que haveria acontecido há poucas décadas atrás, quando algo assim teria sido inviável tanto no plano moral como no jurídico. Por outro lado, apesar desse afrouxamento dos tabus e das leis, a nudez ainda continua suscitando certo alvoroço; e, cabe deduzir, somente por isso essas novas práticas resultam eficazes na tentativa de chamar a atenção, consumando desse modo sua vocação política.

Ao se reproduzirem com tanta insistência e rapidez, porém, é provável que essas iniciativas acabem perdendo também sua eficácia midiática em virtude de sua banalização. Mas, por enquanto, a tática ainda parece funcionar, despertando

curiosidade e convocando o interesse do público. Muito embora caiba a dúvida formulada pelo jornal francês *Le monde*: “para muitos, sua mensagem, se é visível, fica pouco audível”. Em outras palavras: a nudez é tão chamativa que atrai todas as atenções, inclusive as que deveriam se concentrar nos nobres motivos do protesto em questão, que costumam ficar eclipsados pelas instigantes imagens assim projetadas. “Será que o público enxerga algo a mais além dos seios?”, provoca uma especialista consultada pela mesma publicação, referindo-se especificamente ao caso do grupo ucraniano *Femen*. “Será que as autoridades têm reagido de alguma maneira a esses protestos?”, insiste o questionamento.<sup>2</sup>

Tais perguntas são pertinentes e merecem ser exploradas com atenção; entretanto, o que interessa destacar aqui é algo mais básico: elas partem da premissa de que a visão de corpos femininos nus continua tendo certa potencialidade para “escandalizar” os espectadores contemporâneos, mesmo nesta era saturada de imagens corporais e com uma crescente permissividade nas práticas sexuais. Em que sentido, então, operam nesses casos as velhas moralizações e as novas *politizações*? Como intervêm, aqui, as acusações de obscenidade (*naked*) e às injunções dos ideais da beleza (*nude*), duas vertentes que irrigaram o nu feminino em sua densa tradição ocidental? Será que nas reações do público atual ainda persistem os antigos receios ligados a certa moral vitoriana, daí o vigor político do gesto – ao mesmo tempo corajoso e constrangedor – que implica se despir no espaço público? Mesmo sendo uma explicação mais ou menos convincente, e não raramente repetida hoje em dia, fortes indícios levam a supor que não é bem assim, pois os sentidos da nudez parecem ter mudado bastante na passagem do século XX para o XXI, e isso é algo que somente um olhar genealógico poderá detectar em todas suas nuances.

---

<sup>2</sup> “*Est-ce que le public y voit autre chose que des seins?*”, *Le Monde*, Paris, 22/02/2012.

Com essas inquietações no horizonte e para se ter uma ideia da envergadura dessas mudanças, basta lembrar que em 1955, uma das primeiras mulheres que ousou aparecer vestindo um biquíni numa praia argentina foi violentamente obrigada a se retirar do espaço público sob a acusação de obscenidade.<sup>3</sup> Duas décadas depois, e com os movimentos libertários dos anos sessenta já quase no passado, a atriz Leila Diniz causou míticos tumultos ao expor sua barriga grávida nas areias cariocas. Agora, porém, o *topless* e até o nudismo são permitidos em praias de boa parte do mundo, inclusive em parques urbanos de grandes cidades como Berlim e Barcelona. E as imagens de corpos femininos nus ou seminus se tornaram triviais no campo de visibilidade contemporâneo, não só por causa das “celebridades” que se exibem sem roupas em campanhas publicitárias, videoclipes ou reportagens, mas também pelas “pessoas comuns” que alimentam fenômenos como a pornografia amadora e os *selfies* que circulam nas redes informáticas.

Um exemplo dessa trivialização da nudez no espaço público é constituído pela promoção “*Seminaked*, entre nu e saia vestido”, que a grife catalã Desigual organiza desde 2010 em várias cidades do mundo. Até agora, mais de doze mil pessoas participaram do evento, que consiste em fazer fila na porta das lojas durante horas, vestindo apenas roupa íntima, para experimentar os saldos da temporada e levar, de graça, até duas peças da marca.<sup>4</sup> Nos últimos dois anos, a exigência para participar do jogo passou a ser a nudez total, o que não diminuiu o sucesso da iniciativa. Outros casos similares também convocam multidões em diversas partes do planeta. Trata-se, portanto, de argutas apropriações comerciais de um terreno ainda novo, que neste início de século tem sido habilmente aproveitado para expressar protestos de cunho político. Mas as vertentes do fenômeno são múltiplas. O artista Spencer Tunick fornece outro bom exemplo: ele não parece ter muita dificuldade em congregar

---

<sup>3</sup> “La bikini cumple hoy 50 años”. *Viva*, Buenos Aires, 07/1996.

<sup>4</sup> “Entre desnudo, salga vestido”. *El Mundo*, Madri, 8/1/2014.

milhares de voluntários para participar em suas obras: desde 1994, fotografou dezenas de “instalações humanas” com infinidade de pessoas nuas posando para suas famosas fotos em diversas paisagens do mundo.

Entretanto, se essa banalização da nudez já é inegável, visto que muitos dos velhos pudores – atrelados à moral burguesa e ao seu ancestral cristão – desativaram-se após as revoltas dos anos 1960-70, caberia se perguntar: qual é o valor político deste insólito “ativismo sexy” tão típico do século XXI? Por que, e em que medida, ele “funciona”? Essas são algumas das questões que mobilizam este artigo, sabendo de antemão que os ingredientes do debate são muitos e, além disso, vários deles parecem contraditórios entre si.

Vale observar, agora, um caso que expõe essa complexidade. “Que mulher nunca se imaginou capa de uma revista masculina?”, pergunta o site da empresa *Nude*, dedicada à produção de “ensaios sensuais para mulheres comuns”. Eis a proposta: “isso é o que oferece a *Revista Nude*, que segue os padrões das publicações mais conceituadas do mercado”.<sup>5</sup> No Brasil, esse tipo de serviço se popularizou graças à telenovela *Viver a vida*, exibida pela TV Globo em 2009, que incluiu na trama uma fotógrafa especializada nessas produções para um público específico: as mulheres maduras. “Era comum pedidos de amigas para fazer uma foto mais sensual para dar de presente para o namorado”, explicou a responsável por uma agência desse setor, que teria inspirado a personagem televisiva: “chegamos à conclusão de que TODA mulher adoraria se ver em poses sensuais, isso mexe com o ego e com a autoestima”.<sup>6</sup>

Convém frisar, porém, que apesar de ser festejado em certos âmbitos, nem todos (ou *todas*) celebram esse transbordamento das estéticas pornográficas no campo visual contemporâneo. A historiadora da arte Lynda Nead, por exemplo, autora de um livro já clássico sobre o assunto, lançado em 1998, denunciou a fixação

---

<sup>5</sup> *Nude*, <http://www.nude.art.br>.

<sup>6</sup> “Sensualidade ao Alcance de Todas”. Photo Channel, 8/08/2012.

das mulheres nesse gênero “objetificante” da tradição ocidental, o nu feminino, ao qual produções como as acima evocadas parecem dar continuidade. Vale, inclusive, retomar aqui as teorias mais tradicionais, já aludidas neste artigo e às quais a própria Nead se opõe furiosamente com suas críticas feministas. O argumento central dessa autora aponta que tais categorizações também aderem a essa objetificação das silhuetas no *nude*, seja valorizando-a por representar um ideal, como é o caso de Kenneth Clark (1987), ou rejeitando-a por esse mesmo motivo e enaltecendo, em troca, o *naked* com seu realismo carnal e singular, como defendeu mais recentemente outro autor britânico John Berger (1999). Apesar de parecerem opostas, ambas as reações confluiriam na persistência do mesmo problema, de acordo com a vertente do feminismo endossada pela pesquisadora inglesa: desativar certas potências dos corpos retratados.

Contudo, e em que pese essas condenações de novo signo e cunho que surgiram após os anos 1960-70, cada vez são mais as mulheres que optam por se mostrar nuas nas telas do mundo. Agora, muitas vezes, o fazem inclusive ultrapassando seu tradicional papel de meras modelos que posam para artistas e espectadores do gênero masculino. Não por acaso, as vitrines midiáticas onde é possível se exhibir também não cessam de se multiplicar, e o acesso a elas tem se aberto de um modo crescente. A variedade estética é igualmente imensa: pode emular *nudes* clássicos em suas versões mais atualizadas ou contestar esses gestos com a força de um renovado e generalizado *naked*. Mas eis outro ingrediente do fenômeno contemporâneo: as fronteiras entre ambas as categorias estão se tornando difusas. Por isso, emerge agora o que Frances Borzello (2012) tem denominado “*naked nude*”, algo como “nu desnudado”. Conforme constata essa historiadora da arte, que também se afilia às correntes feministas, em várias manifestações atuais se fusionam, de modo inédito, essas duas noções outrora excludentes, mas que procuram se entrelaçar no regime de visibilidade contemporâneo, talvez como uma forma de lutar contra a persistência daquelas dicotomias consideradas conservadoras em certos âmbitos do presente.

Um caso sintomático dessas transformações, que têm transbordado a esfera estritamente artística para permear o campo midiático em sentido amplo, é o de Jackie Chamoun, uma esquiadora libanesa que em 2014 foi duramente questionada pelas autoridades de seu país ao aparecer seminua num vídeo que “vazou” na internet. Tratava-se do *making off* de uma produção fotográfica realizada três anos antes, mas que só foi divulgado enquanto ela participava das Olimpíadas de Inverno em Sóchi, na Rússia. Em protesto contra essa atitude censora, centenas de pessoas publicaram suas próprias fotos na rede social *Facebook*, aparecendo sempre nuas e segurando cartazes que diziam “Não estou nu, eu tiro as roupas por Jackie”.<sup>7</sup> Essa reação desdobrada na internet é comparável ao que ocorreu quando a tunisiana Amina Tyler publicou, também em sua página de *Facebook*, uma foto dela própria em *topless*, com a seguinte inscrição em árabe no torso: “meu corpo pertence a mim e não é fonte de honra para ninguém”. Esse episódio, ocorrido em 2013, incluiu a participação de mulheres do mundo inteiro, que postaram suas próprias fotografias na rede com os seios à mostra e a frase “Free Amina” escrita na pele. Algo semelhante ocorreu no Brasil, em 2014, com a campanha “Eu não mereço ser estuprada”, também desdobrada nesse tipo de sites da internet.<sup>8</sup>

Quase dois anos antes, o artista chinês Ai Weiwei foi processado em seu país devido à publicação de uma foto em que aparecia nu junto a quatro mulheres também sem roupas. Em seguida, dezenas de pessoas se fotografaram do mesmo modo e divulgaram essas imagens na rede, sob o lema: “nudez não é pornografia”.<sup>9</sup> Ainda em 2012, imagens do príncipe Harry da Inglaterra sem roupas foram captadas por um paparazzi enquanto ele participava de uma festa privada, e logo publicadas numa

---

<sup>7</sup> “Fuerte apoyo en Facebook para la atleta libanesa filmada en topless”, *Clarín*, 13/02/14.

<sup>8</sup> “Nem elas nem ninguém merece...”, *Época*, 04/04/2014.

<sup>9</sup> “Ai Weiwei fans post nude photos in response to pornography investigation”. *Washington Post*, 21/11/2011.

revista; como reação, milhares de simpatizantes divulgaram fotos deles próprios na internet, com diversos graus de nudez, em apoio ao neto da rainha britânica.<sup>10</sup> O que esses casos têm em comum, além de sua condição ultra-recente, é algo que interessa muito aos fins deste artigo: alguém é questionado por aparecer nu em público e, em seguida, uma multidão de desconhecidos resolve defender os acusados desnudando-se, isto é, tirando fotos deles próprios sem roupas e disponibilizando essas imagens na internet.

Trata-se de um fenômeno inédito, que se junta às outras manifestações do nu contemporâneo aqui examinadas e contribui para enriquecer as questões relativas à sua moralização e à sua *politização*, sugerindo complexos deslocamentos nas definições de obscenidade. E, em particular, um certo afrouxamento do olhar *pornificador* típico da era moderna – aquele julgamento secularizado que começou a se posar sobre as imagens de corpos nus com o esgotamento da hegemonia cristã, estudado por Sibilía (2014). Em resumo, esse tipo de olhar não podia deixar de enxergar nessas visões algo da ordem do erotismo ou da medicalização, distanciando-se do que nelas costumavam vislumbrar os olhares pré-modernos – ou mesmo os de outras culturas não ocidentais – que, por tal motivo, assume-se que gravitam sob outros “regimes de visibilidade” (Miles, 2008; Sibilía, 2013).

### **Deslocamentos e redefinições em luta**

Com o fim de detectar alguns dos sentidos dessas transformações, além de mapear de modo cuidadoso e abrangente o fenômeno contemporâneo, vale a pena recorrer também à perspectiva genealógica. Com esse arsenal metodológico, pretende-se confrontar as mudanças que foram afetando os “modos de ver” e, portanto, produzindo transformações nos “regimes de visibilidade”, particularmente no que se refere às imagens de nudez – sobretudo, as femininas – e às

---

<sup>10</sup> “Naked Salut” To Prince Harry, Huffington Post, 29/08/2012.

suas conotações eróticas ou mesmo obscenas. “O nu era coisa sagrada, quer dizer, impura”, explicava Paul Valéry num famoso texto de 1936. Em seguida, o poeta francês afirmava que tal condição “permitia-se nas estátuas, às vezes com algumas reservas” e que “as pessoas graves que lhe tinham pavor em estado vivo o admiravam no mármore”. Essa ambivalência é fundamental, visto que “o nu não tinha, em suma, mais que duas significações: às vezes, o símbolo do Belo; e outras, o da Obscenidade” (Paul Valéry *apud* Haddad, 1990). Ressurge aqui, portanto, outra versão da clássica oposição antes mencionada: por um lado, o nu enaltecido em suas formas consideradas puras e belas (*nude*); por outro, aquele corpo desnudado que resulta ofensivo por se apresentar despididamente *naked*.

Esse mesmo argumento é explorado por Michele Haddad (1990), que desentranha algumas características do nu artístico em seu período de auge: o século XIX. A historiadora sublinha o equilíbrio sempre ameaçado entre as “divinas” (*nude*) e as “impuras” (*naked*) que os artistas da época – quase sempre de gênero masculino – obcecaram-se por representar em suas telas e esculturas. A autora mostra de que modo certo ímpeto realista foi subvertendo a idealização das formas femininas, sobretudo a partir de 1860, a cargo de pintores como Gustave Courbet e Édouard Manet, com obras como *L'origine du monde* (1866) e *Olympia* (1863). Agora, um século e meio depois daquelas ousadias, notamos que esse realismo impugrador ressurgiu com novas tonalidades e, de alguma maneira, alimenta outros avanços na *politização* da nudez feminina. Em muitos casos, porém, as clássicas dicotomias parecem persistir (*divinas-nude* e *impuras-naked*), embora seja precisamente contra elas que se erguem muitas das iniciativas aqui enfocadas.

Assim, com uma forte disseminação ocorrida na última década, já é possível encontrar exemplos dessa tendência num leque crescente de manifestações artísticas e midiáticas. Há publicidades de roupa íntima que recorrem a modelos *plus size* e de cosméticos destinados a “mulheres reais”, por exemplo, bem como cantoras e atrizes que exibem com orgulho seus corpos

“fora do padrão”, fazendo disso uma bandeira estético-política muito bem-sucedida. Além disso, a novidade também se constata em inúmeros projetos das artes visuais e cênicas (fotografia, pintura, instalações, performance, dança) bem como em matérias jornalísticas de todos os tipos e, inclusive, na reluzente “pornografia amadora”. De fato, uma das “boas causas” defendidas pelos corpos que hoje adoram se exhibir é, precisamente, o direito de que qualquer um – ou melhor: qualquer *uma* – possa mostrar seu corpo nu, para além dos limites do espaço privado ao qual os “processos civilizatórios” o relegaram nos primórdios da era moderna (Elias, 1994; Bologne, 1986; Vigarello, 1996). Mas essa “democratização” da nudez feminina, que hoje parece em auge, continua a enfrentar pelo menos dois inimigos ancestrais: de um lado, os julgamentos baseados na sua adequação aos padrões estéticos em vigência (*divinas-nude*); de outro, a estigmatização em nome da obscenidade (*impuras-naked*).

Trata-se de uma história longa e densa, embora esteja cada vez mais claro que ela não é eterna nem universal. Esses fatores, que insistem em se apresentar como dois pólos opostos, excludentes e totalizantes, articularam o ideário básico desse que foi (e que provavelmente ainda seja) um dos gêneros mais importantes da tradição artística ocidental: o nu. E eles continuam presentes nestas manifestações tão atuais, embora sua intenção pareça ser a de derrubá-los definitivamente. Entre as iniciativas que mais se fizeram notar nos últimos tempos, nesse sentido, estão ensaios fotográficos como *The nu project* e *Beautiful body project*, além dos brasileiros *Apartamento 302* e *X Real*. “A maioria das publicações que retratam a nudez e a sensualidade da mulher não representam a maioria e nem uma realidade”, afirma o site desse último projeto. “Por isso, o *X Real* defende o não uso de retoques”, continua, seguido do esclarecimento de sua autora, Camila Cornelsen: “faço tratamento de cor, mas não ousou fazer

limpeza de pele, celulite, estrias, cicatrizes... nada!”. Essa seria, justamente, “a graça do projeto”.<sup>11</sup>

Em alguns casos, procurando ir mais longe nessa busca de um renovado realismo quase militante, até o fotógrafo profissional é dispensado: são as próprias mulheres que produzem e postam suas imagens. É o que ocorre em *Me in my place*, por exemplo, onde qualquer uma pode se exhibir em sua própria casa fazendo tarefas cotidianas sem roupas ou como desejar, à vontade. Num tom um tanto mais apimentado, projetos como *I shot myself* ou *I feel myself* hibridizam suas ambições artísticas com aquilo que se convencionou em chamar “pornografia amadora”. O primeiro estimula suas colaboradoras para que “subvertam o paradigma” ao se fotografarem nuas, “usando sua criatividade para transcender a banalidade estereotipada da pornografia”. O segundo mostra vídeos de mulheres se masturbando, também disponibilizados pelas próprias protagonistas. Em sites brasileiros, como *Diário da putaria*, cujo acesso é gratuito, qualquer mulher pode exhibir suas fotos ou vídeos e interagir com o público que deixa seus comentários. A variedade de formatos corporais expostos nesses espaços é considerável, com certa abundância de características usualmente expurgadas das silhuetas midiáticas: a magreza e os músculos não são obrigatórios, nem as próteses de silicone ou a depilação total.

Além de não se alinharem com os corpos malhados e retocados da mídia atual, muitas dessas iniciativas ousam no que se refere à idade das mulheres que se exibem, desafiando os limites do mostrável também nesse sentido. Os “blogs pornôs” são especialmente interessantes devido à sua autonomia, já que neles cada mulher decide o que mostrar e como fazê-lo, sem intermediários. Muitas das autoras têm em torno de 40 ou 50 anos de idade, são donas de casa ou mães de família que compartilham imagens e relatos referidos à sua sexualidade. Também neles é habitual a defesa de uma experiência “autêntica e real”, em oposição ao estilo considerado “falso” tanto da pornografia como

---

<sup>11</sup> *X Real*, <http://www.xreal.com.br>.

das publicidades tradicionais. Por isso, embora possa ser detectada certa afinidade formal com as imagens procedentes daqueles universos, não só suas protagonistas, mas também muitos observadores argumentam que se trata de algo diferente, nem que seja porque são as próprias mulheres representadas que decidem fazê-lo, como parte de seu cotidiano erotizado e não como uma performance já codificada, destinada apenas ao olhar alheio. Por tudo isso, esse complexo e muitas vezes contraditório fenômeno faria parte da tendência que se conhece como “pós-pornografia”, insinuando uma ruptura com essa outra vertente do nu feminino que é constituída pelos gêneros pornográficos.

Assim, o desafio dessas novidades aponta tanto à moralidade como às convenções estéticas que alicerçaram o nu feminino clássico das artes ocidentais, sobretudo em sua irradiação a partir da cultura europeia oitocentista: os cânones do belo e os ambíguos limites do que se considera obsceno parecem fortemente contestados nessas produções tão atuais. Mas não convém reduzir a complexidade do fenômeno, pois a questão da beleza insiste em pautar muitas dessas iniciativas, embora o faça de modos inéditos.

Uma reportagem de 2013 afirmava que esses projetos costumam atrair “mulheres com uma posição política clara, a de se expor para afirmar a beleza natural do corpo feminino”. Um dos entrevistados nessa ocasião, o fotógrafo responsável pelo site *Apartamento 302*, Jorge Bispo, declarou: “apenas quero fazer nus da maneira que acredito, mas ouvi alguns relatos de meninas que posaram nesse sentido”. Ao especificar os principais motivos que levam as mulheres a posar nuas e de graça diante de suas câmeras, o artista resgatava essa reivindicação política e outro móbil: “a vaidade”.<sup>12</sup> Em sua versão politicamente correta, essa palavra é traduzida como “autoestima” e parece ligada de modo inextricável à *politização* aqui em jogo.

---

<sup>12</sup> “Projetos de ‘nu verdadeiro’ atraem mulheres em busca da beleza natural”. *Folha de São Paulo*, 27/5/2013.

Creio que a maioria das pessoas está tão acostumada a ver o 'produto final'; versões retocadas e *photoshopadas* das fotografias, que sua visão do aspecto que deveriam ter quando se enfrentam com um espelho está completamente distorcida,

afirmou uma das moças que participou do *The nu project*, e acrescentou: “talvez se todas as pessoas tivessem a chance de se fazer fotografar por um artista, talvez todas seríamos um pouquinho mais felizes conosco”.<sup>13</sup>

Desdobrando argumentos semelhantes, embora indo mais longe nessa ampliação da visibilidade corporal feminina, está o caso da enfermeira australiana Beth Whaanga, que sofreu várias cirurgias em diversas partes do corpo para a retirada de tumores e, depois, posou nua para uma fotógrafa. Com o título *Under the red dress*, o projeto tinha como meta “compartilhar a experiência e ajudar os outros a tomar medidas preventivas”. Quando resolveu postar as fotos na internet, em sua página de *Facebook*, ela avisou que as imagens eram “desafiadoras” e que continham “*topless*”, esclarecendo porém que de modo algum tinham “a intenção de serem eróticas”. Ainda assim, não faltaram as críticas pela suposta inadequação de exibir um corpo nu cheio de cicatrizes na popular rede social. Em consequência, cerca de cem “amigos” deixaram de segui-la e alguns até a denunciaram, clamando por censura.<sup>14</sup>

Essas reações sugerem que, apesar da crescente “democratização” conseguida na luta pela *politização*, o desejo de realismo nas imagens de corpos nus talvez tenha seus limites. De fato, mais do que uma extinção das velhas moralizações, parece estar se redefinindo o que hoje entende-se por obsceno. Já não seria tanto a exibição da anatomia mais recôndita nem o apelo erótico o que perturba o olhar do espectador contemporâneo e, portanto, considera-se que deveria ficar “fora da cena”. Em vez

---

<sup>13</sup> *The Nu Project*, <http://www.thenuproject.com/info/testimonials>.

<sup>14</sup> “Beth Whaanga’s powerful breast cancer portraits lost her 100 friends, but could save many more lives”, *The Huffington Post*, 14/2/2014.

disso, e de maneira crescente, talvez em função de uma gradativa *despornificação* dos olhares (Sibilía, 2014), as tentativas de “censurar” o que se vê tendem a apontar para outro ângulo: certos critérios estéticos relativos aos contornos e às superfícies em exibição. À guisa de ilustração para esses deslocamentos, pode ser útil observar outro rápido exemplo. Nesse caso, trata-se de uma jovem que posou nua para o projeto *Apartamento 302*. Ela contou que o namorado ficou “chocado” quando soube, mas foi apenas um susto inicial: “hoje todo o mundo acha normal”, declarou a moça em seguida, alegando inclusive que seus pais “mostram as imagens nas festas de família” e que seus filhos “também adoram”.<sup>15</sup> Portanto, apesar das importantes transformações e dos questionamentos em curso, não parece que as preocupações com a beleza e com a obscenidade tenham saído de cena, mas elas estão se reformulando de modos complexos e extremamente significativos.

### **Ambiguidades, contradições e resistências**

Como parte desse combate pelos direitos de exibição dos corpos *reais* – uma face importante da *politização* da nudez aqui em foco –, avançam as medidas para limitar o uso de programas como o *PhotoShop* na edição das imagens corporais expostas na mídia. Um dos argumentos é que as fotografias assim manipuladas podem “fazer mal à saúde”, contribuindo para propagar transtornos alimentares e compulsões por cirurgias plásticas, por exemplo. Assim, e solapando as ressalvas filosóficas que as pretensões de “fidelidade ao real” têm suscitado em outras arenas, uma das atitudes que está sendo tomada nesse âmbito é a formulação de leis que obrigam a publicar uma advertência junto às imagens alteradas, além de fortes multas em dinheiro para os que descumprirem as novas regras. Um dos pioneiros é a França, que em 2009 aprovou um projeto desse tipo. “Quando os escritores partem de um evento real, mas o embelezam, eles são

---

<sup>15</sup> “Sem roupa, com atitude”. *Revista O Globo*, Rio de Janeiro, 1/9/2013, p. 32.

obrigados a avisar seus leitores de que se trata de uma ficção ou de uma dramatização baseada em fatos reais”, comparou a deputada proponente, concluindo: “por que com a fotografia deveria ser diferente?”.<sup>16</sup>

Sem anular as ressonâncias dessa questão, cabe citar agora dois últimos exemplos que situam de modo mais claro o leque de problemas aqui propostos, na tentativa de esboçar algumas conclusões. Primeiro, está o caso das aeromoças da companhia Mexicana de Aviación que, ao se verem desempregadas devido ao fechamento da empresa, posaram na revista *Playboy* em 2011 com o propósito de chamar a atenção para seu problema.<sup>17</sup> Não é algo inédito, aliás, essas táticas midiáticas são cada vez mais habituais. O que surpreendeu nesse caso é que, pouco depois, circulou na internet uma fotografia original do ensaio, sem o trabalho de pós-produção, que delataria um excesso de retoques digitais na imagem finalmente publicada.<sup>18</sup> A polêmica, portanto, não só se ampliou como se deslocou: já não importava tanto que as mulheres tivessem se despido em público, mas as moralizações se dirigiram com mais insídia para a falta de autenticidade das imagens corporais assim reveladas. E, sobretudo, com certo sarcasmo mal-dissimulado, remeteram a seu vergonhoso desajuste com relação aos persistentes parâmetros estéticos. Era isso o que parecia mais “obsceno” ao olhar contemporâneo, e não exatamente a nudez imprevista ou o erotismo implícito nas imagens.

O segundo episódio ocorreu nos Estados Unidos em 2010, quando uma entidade denominada National Organization for Women celebrou seu evento anual batizado *Love Your Body Day*, destinado a prevenir distúrbios alimentares e, de novo, a reforçar a autoestima das mulheres cujos corpos se encontram “fora da

---

<sup>16</sup> “Ditadura do Photoshop”. *Veja*, 21/10/2009.

<sup>17</sup> “Con ligas y poca ropa, pelean por sus derechos: ¿todo vale?”. *Entremujeres*, Buenos Aires, 7/4/2011.

<sup>18</sup> “Desilusión en el aire: un reclamo desdibujado por el Photoshop”. *Entremujeres*.

norma”. Para isso, a instituição convocou duas modelos consideradas *plus size* que apareceram nuas no cartaz promocional, ocasionando uma série de repercussões midiáticas. Uma jornalista perguntou se a foto tinha sido editada. “Sim, foi *photoshopada*, mas não o nosso tamanho”, admitiu uma das garotas, reconhecendo “correções da cor e outros recursos fotográficos interessantes”. Após admitir que hoje em dia “todas as fotos têm ajustes”, a jovem tentou ser enfática: “mas nossas cinturas não foram retocadas, nossos *pneus* não foram eliminados, meus seios não foram reduzidos”.<sup>19</sup> Ainda assim, o alisamento efetuado nas superfícies corporais foi considerado excessivo, sobretudo devido à sua incongruência com a mensagem almejada: “encorajar as mulheres de todos os tamanhos para que amem a pele que as contém”.<sup>20</sup>

Podem parecer banais, mas esses detalhes são importantes e palpitam no âmago do problema aqui explorado. Em outra ocasião (Sibilia, 2012:105), analisamos o “puritanismo retificador” que revela o uso de ferramentas como o *PhotoShop*. Esse tipo de instrumento, que com seus escassos 25 anos de existência tem se tornado fundamental na produção de imagens corporais, “protege a mulher de estar verdadeiramente ‘pelada’ ao eliminar as mínimas imperfeições do corpo feminino”, conforme explica a antropóloga Mirian Goldenberg (2008:81), acrescentando que sua ação equivale a: “vestir a mulher ao despi-la de suas rugas, estrias, celulites e manchas”. Nessa pudica tarefa, o polimento digital cria uma nova pele: “completamente lisa e imaculada”. Essa *purificação* imagética, que tem se naturalizado amplamente no regime de visibilidade contemporâneo, não deve ser desprezada nesta análise acerca dos deslocamentos da obscenidade e da *politização* da nudez na contemporaneidade. Ao contrário, ela é moralmente significativa, pois acaba fazendo com que o único corpo que “mesmo sem roupas, está decentemente vestido”, de

---

<sup>19</sup> “The Naked Photo Everyone’s Talking About”. *iVillage*, 25/08/2010.

<sup>20</sup> “Size 10 model Whitney Thompson on loving her body”, *Examiner*, 13/09/2010.

acordo com os valores vigentes, seja aquele “trabalhado, cuidado, sem marcas indesejáveis (rugos, estrias, celulites, manchas) e sem excessos (gorduras, flacidez)” (Goldenberg, 2002:29).

Esse reconhecimento derruba, pelo menos em parte, as reivindicações políticas do alegre desnudamento “autêntico” hoje em voga. De fato, tais crenças parecem atualizar a idéia tradicional do nu artístico – ou, para sermos mais precisos, daquele que é moralmente tolerado – como *nude*, em oposição ao mais carnal e realista – e ainda incômodo – estado de *naked*. Desse modo, mantém-se a distinção oitocentista entre as *divinas* e as *impuras*, embora reformulada e com outros sentidos que resultam mais eficazes no contexto contemporâneo. Não é a definição de obscenidade abraçada pela “moral burguesa” que denota a impureza do *naked*, agora que boa parte dos antigos tabus foi enfraquecida pelos movimentos de “liberação sexual” da segunda metade do século XX. No entanto, para poder ter acesso ao cada vez mais almejado *nude* ainda é preciso ser *divina*. Como declarou a atriz brasileira Maria Ribeiro numa reportagem de 2014, resumindo o núcleo dos deslocamentos aqui assinalados: “minha paranóia da nudez era o pudor, hoje é a de estar gata”.<sup>21</sup>

Em suma, e em que pesem todas as batalhas que estão se livrando no presente, ainda parece vigorar o panorama despontado após os reajustes que as revoltas dos anos 1960-70 deslançaram, sagazmente sintetizado por Michel Foucault (1979:147) numa entrevista concedida em 1975: “Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzado!”, resumiu então o filósofo francês. Essa ironia, que dava conta de uma novidade naquela época, continua palpitando na ambivalência das atitudes mais atuais com relação à autoexposição da nudez feminina, tanto no plano moral como no político. Tais ambiguidades têm raízes ancestrais em nossa cultura, embora se transformem com as reviravoltas históricas e, como decorrência desse movimento, se desdobrem agora de modos inesperados. Mas elas ainda remetem à

---

<sup>21</sup> “Minha paranóia da nudez era o pudor, hoje é a de estar gata”. *O Globo*, 13/12/2014.

complicada fusão realizada pelo cristianismo entre as proibições judaicas e as louvações greco-romanas no que se refere a certas práticas e imagens corporais. Tudo isso eclodiu na Renascença, com o resgate dos ideais clássicos, e foi levado às últimas consequências pelos recatos burgueses do século XIX; foi então quando cristalizou na hipócrita taxonomia das *divinas* e das *impuras*, uma categorização paralela e complementar à oposição vitoriana entre *nude* e *naked*.

Ao que parece, portanto, o olhar contemporâneo ainda exerce essa distinção, que é tanto moral como política, e que separa as silhuetas *polidas* nos moldes midiáticos das *poluídas* que brigam por seus direitos em algumas das manifestações comentadas nestas páginas. Contudo, a intenção deste trabalho é detectar certas transformações e alguns deslocamentos que estão ocorrendo nesse quadro, já que tanto os corpos em questão como os olhares que os observam – e nesse mesmo ato os julgam e os inventam – têm mudado bastante. Por isso, a perspectiva genealógica aqui adotada tem focalizado certos fatores históricos que participaram dessas alterações, imprimindo suas peculiaridades no fenômeno contemporâneo. Com toda sua complexidade, esse é fruto não apenas da herança de certas tradições importantes que marcam nossa cultura, mas também das lutas e conquistas ocorridas nas últimas décadas, que incluem tanto a popularização das mídias interativas como as intensas reformulações morais e legais em curso.

### **Algumas considerações finais**

Trata-se, em síntese, de um campo de batalha em plena ebulição. A eficácia das estratégias de auto-exposição midiáticas e artísticas aqui em foco, nem que seja no quesito básico de chamar a atenção, deve-se à persistência de certas moralizações que ainda inflamam os olhares contemporâneos. Se essa potencialidade escandalosa da nudez feminina e os ímpetos censores que costuma provocar tivessem sido completamente desativados, tais práticas passariam despercebidas. Mas o cenário parece estar em

plena mutação, e é só por isso que estas novidades se dão agora. Por um lado, tornou-se mais viável para qualquer mulher se exhibir nua em âmbitos públicos, devido a certos relaxamentos dos antigos tabus. Ainda assim, os critérios que ampararam o nu feminino na tradição ocidental até a era moderna não parecem ter se extinguido, embora se constatem algumas sacudidas nas definições de obscenidade e certas reformulações nos padrões de beleza.

As complexidades acima resumidas eclodiram no evento *Toplessaço*, convocado na rede social *Facebook* para acontecer no dia 21 de dezembro de 2013 na praia de Ipanema, pleno coração urbano do Rio de Janeiro e berço daquela “garota de corpo dourado” mundialmente entronizada ao ritmo da bossa nova nos anos 1960. Milhares de pessoas aderiram à chamada divulgada pela internet, comprometendo-se a participar nessa jornada de desnudamento parcial, porém em massa, na qual as brasileiras defenderiam seu direito a fazer *topless* nas praias do país. Na hora prevista para o acontecimento, contudo, o local foi invadido por jornalistas, fotógrafos e curiosos em geral, que jogaram sobre a proposta seu olhar *pornificador*, inibindo as mulheres e anulando boa parte da potência política da manifestação.<sup>22</sup> Assim, os diversos valores hoje em contenda, neste complexo fenômeno de *politização* da nudez feminina, compareceram às areias cariocas naquela ocasião. Beleza, obscenidade, espetáculo, vergonha, liberdade, pureza, humilhação, censura, *pornificação* e até uma prometida – mas nunca completamente consumada – *despornificação* dos olhares estiveram ali presentes, materializando as confusas forças que hoje se enfrentam nesse rico campo de batalha. Em janeiro de 2015 foi realizada outra tentativa na mesma praia carioca e sob lemas semelhantes, porém os problemas detectados na edição anterior se intensificaram desta vez, com a eleição das “musas do *toplessaço*” e uma ênfase maior ainda na espetacularização; no

---

<sup>22</sup> “Toplessaço atrai mais curiosos do que seios descobertos no Rio”, *G1*, 21/12/2013.

entanto, as críticas na direção de uma possível *despornificação* também se deixaram ouvir e a polêmica continua em voga.<sup>23</sup>

Cabe sublinhar, para concluir, que tudo isto está ocorrendo num contexto histórico bastante peculiar, em que a mídia se tornou um fator fundamental – sobretudo, os meios de comunicação gráficos e audiovisuais e, mais recentemente, também nas chamadas “mídias sociais”, que operam em redes digitais e são interativas –, exercendo uma influência inusitada nas vidas individuais e na dinâmica da sociabilidade. Esse estímulo contribui, de modos tão ativos como complexos, para a própria moldagem das configurações corporais e subjetivas. Tornou-se habitual, por exemplo, definir a contemporaneidade como uma era na qual se vivencia um fenômeno original: o “culto ao corpo”. Essa tendência, que nas últimas décadas tem se espalhado por todas as culturas aglutinadas em torno aos mercados globais – com forte incidência na América Latina e, particularmente, no Brasil – implica certas transformações na experimentação da subjetividade encorpada. Por um lado, o corpo passou a ser “cultuado”, desempenhando um papel cada vez mais proeminente numa civilização que tradicionalmente o relegara para um segundo plano, e inspirando todos os cuidados que implica a devoção às “boas formas” e ao bem-estar a elas associado. Por outro lado, o organismo humano também se vê extremamente constrangido por um conjunto de crenças e valores que parecem desprezar sua condição carnal, tais como as teimosas mitificações da beleza, da saúde, da magreza e da juventude.

No vórtice dessa excitação múltipla e contraditória, o corpo contemporâneo é adorado e laboriosamente esculpido como uma imagem que deve permanecer sempre lisa e polida; mas, ao mesmo tempo e pelos mesmos motivos, é rejeitado em sua materialidade orgânica, devendo se submeter constantemente a diversos procedimentos de *expurgação* ou *purificação* da própria corporeidade. O papel dos meios de comunicação nesses processos é primordial, numa aliança tácita com o mercado e a

---

<sup>23</sup> Toplessaço: escolha de musas gera polêmica, *BBC Brasil*, 18/1/2015.

tecnociência, pois a incessante irradiação de imagens e discursos midiáticos contribui para a disseminação dos padrões corporais hegemônicos, além de divulgar o catálogo sempre em expansão de técnicas, produtos e serviços disponíveis para atingi-los, bem como a cartilha de riscos físicos e implicações morais que poderiam decorrer da sua temível *inadequação*. Certa moral que propugna a “boa forma” se expande, assim, ocupando alguns espaços que foram liberados dos ditames mais antigos – como aqueles que suportavam uma parte considerável das normas disciplinadoras, por exemplo –, enquanto o espírito empreendedor de cada um é invocado para promover um gerenciamento que invista com sucesso em seu próprio “capital corporal”. Diversos vetores contribuem, logo, para alimentar esse aparente paradoxo do estatuto do corpo humano na contemporaneidade, ao mesmo tempo cultuado como uma imagem idealizada e altamente codificada, e desprezado em sua materialidade carnal que alicerça todas as experiências vitais.

Por isso, ao que parece, boa parte das imagens de corpos femininos nus irradiadas pelos meios de comunicação contemporâneos – inclusive, muitas daquelas que são fruto da auto-exposição – se inscreve na estirpe das visões idealizadas como *nude*, *divinas* ou *polidas*. Isto é, aquelas representações contra as quais os ímpetus artísticos mais pujantes da modernidade se revelaram há tempos, e que ainda hoje se propõem a denunciar e subverter, inclusive procurando superar a velha dicotomia que levaria a enfatizar seu pólo outrora desprezado: o *naked* das *impuras* ou *poluídas*. Embora esteja sendo desmontada e muito discutida, essa oposição já clássica não cessa de ser retomada. Um dos que fez recentemente essa operação de resgate foi o historiador da arte Arthur Danto, por exemplo, na tentativa de explicar certo desconforto ligado ao forte efeito de presença corporal que suscitam os retratos assinados por Lucian Freud. Os corpos pintados pelo artista britânico parecem estar realmente nus (*naked*), em oposição àquela nudez *expurgada* que tanto deslumbra os olhares contemporâneos nas telas planas - tanto dos televisores como dos computadores,

*tablets e smartphones* - e nas páginas brilhosas das revistas. Esses corpos cultuados, por sua vez, “colocam-se a nudez como uma veste quando tiram a roupa, trocando assim um traje por outro” (Danto, 2003:69), aludindo à fotografia de uma modelo “que parece completamente vestida em seu corpo nu”.

Tendo em vista esse contexto, a tarefa de *desnaturalizar* tais verdades por meio das ferramentas genealógicas se tornou mais complicada e, ao mesmo tempo, mais urgente, devido à enorme relevância do corpo na cultura contemporânea e à sutileza das amarras imagéticas desenvolvidas pelos mais novos dispositivos de poder. Porque esse olhar *purificador* que hoje censura as imagens corporais – particularmente as de nudez feminina, especialmente aquelas aqui consideradas como de auto-exposição – responde a novas regras morais, bem diferentes daquelas que “assujeitavam” os corpos humanos ao longo da era disciplinar, embora não sejam menos severas e com efeitos igualmente nocivos. Mas o que se procurou neste artigo foi uma tentativa inicial de compreender em que consiste essa transformação. Pois agora não parece ser mais a visão dos corpos nus e nem a ousadia sexual o que incomoda as sensibilidades ou perturba os valores vigentes, conforme denunciara o olhar *pornificador* da era moderna. Ao contrário, aliás, esse tipo de exposição chega até a ser estimulado no presente, embora com uma ressalva: desde que os contornos das silhuetas expostas sejam lisos, retos e bem definidos. Eis a ardilosa “moral da boa forma” que sustenta e atija nosso “culto ao corpo”, e que nem sempre é identificada como uma injunção moralizadora, parecendo apenas uma opção entre outras que só dependeria da “livre escolha” de cada um e que se limitaria ao plano estético.

No entanto, alguns dos movimentos focalizados neste artigo sugerem que há muitas resistências a tais processos, mesmo com todas as complexidades e ambiguidades do caso. Em suma, certas manifestações artísticas e midiáticas contemporâneas - nas quais se apresenta o já mencionado “*naked nude*” como mais uma vertente da *politização* – visam denunciar esses astutos mecanismos de assujeitamento, numa tentativa de reativar certas

forças vitais que assim permanecem adormecidas ou refreadas, procurando então inventar outros modos de lidar com a nudez própria e alheia. Nessa busca, parece se insinuar uma eventual *despornificação* do olhar, como uma promessa de mudanças importantes que poderiam afetar o atual regime de visibilidade. Essa abertura seria capaz de reverter – rumo a novos horizontes ainda impensáveis – aquela tendência iniciada nos albores da era moderna: a *pornificação* do olhar que tem se derramado sobre as silhuetas nuas após o “desencantamento do mundo”, com a conseqüente sexualização e medicalização das imagens corporais em pleno processo de secularização.

Essas iniciativas tão atuais, muito diversas e bastante recentes e ativas, parecem ter como um de seus objetivos implodir tais codificações corporais, que teimam em renovar sob os holofotes midiáticos as velhas idealizações do nu artístico oitocentista, porém numa eficaz atualização midiática que é mais compatível com a cultura globalizada do século XXI. Nesse sentido, haveria nessas novas estratégias – que contestam, de diversos modos, tais imagens e discursos mais *naturalizados* - uma visceral “raiva do espelho”, como apontou Henry-Pierre Jeudy. Ou, então, um rechaço das telas e vitrines que se impõem por toda parte, capturando e projetando incansavelmente essas silhuetas *expurgadas* de toda a sua carnal vitalidade. Por isso, talvez, nas novas propostas aqui focalizadas, “o corpo, como poder infinito dos possíveis”, procuraria demonstrar nessa exposição raivosa que “não tem necessidade de se submeter à regra do espetacular” (Jeudy, 2002:110). É nesse sentido que elas podem constituir novas respostas ao arguto (e condicionado) “fique nu” pronunciado por Foucault em 1975. Seriam, portanto, tentativas mais ou menos desesperadas de *politizar* o problema, procurando inventar formas inéditas de vivenciar a condição encorpada e subvertendo as velhas dicotomias em suas versões mais atuais – e, portanto, mais eficazes e mais difíceis de driblar.

**Referências bibliográficas**

- AGAMBEN, Giorgio. *Desnudez*. Buenos Aires, Adriana Hidalgo, 2011.
- BERGER, John. *Modos de ver*. Rio de Janeiro, Rocco, 1999.
- BOLOGNE, Jean Claude. *História do pudor*. Lisboa, Teorema, 1990.
- BORZELLO, Frances. *The naked nude*. Londres, Thames & Hudson, 2012.
- CARR-GOMM. *A brief history of nakedness*. Londres, Reaktion Books, 2010.
- CLARK, Kenneth. *El desnudo*. Madri, Alianza, 2006.
- DANTO, Arthur. *La madonna del futuro*. Barcelona, Paidós, 2003.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.
- FOUCAULT, Michel. Poder-Corpo. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1979, pp.145-152.
- GOLDENBERG, Mirian. *Coroas*. Rio de Janeiro, Record, 2008.
- \_\_\_\_\_. (org.) *Nu & Vestido*. Rio de Janeiro, Record, 2002.
- HADDAD, Michele. *La divine et l'impure: Le nu au XIXe*. Paris, Jaguar, 1990.
- JEUDY, Henry-Pierre. *O corpo como objeto de arte*. São Paulo, Estação Liberdade, 2002.
- MILES, Margareth. *A complex delight: The secularization of the breast, 1350-1750*. Berkeley, University of California Press, 2008.
- NEAD, Lynda. *El desnudo femenino*. Madri, Tecnos, 1998.
- SIBILIA, Paula. *O show do eu: A intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 2008.
- \_\_\_\_\_. O corpo velho como uma imagem com falhas. *Comunicação, Mídia e Consumo*, ano 9, vol. 9, nº 26, São Paulo/ESPM, nov. 2012, pp.83-114.
- \_\_\_\_\_. Os corpos visíveis na contemporaneidade: Da purificação midiática à explicitação artística. In: BRASIL, André; LISSOVSKY,

Maurício; MORETTIN, Eduardo. (orgs.) *Visualidades hoje*. Brasília/Salvador, Compós/EDUFBA, 2013, pp.119-136.

\_\_\_\_\_. O que é obsceno na nudez? Entre a Virgem medieval e as silhuetas contemporâneas. *FAMECOS*, vol. 21, n° 1, PUC-RS, 2014, pp.24-55.

VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo: Uma história da higiene corporal*. São Paulo, Martins Fontes, 1996.